



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



GT: Cultura e identidade na América Latina – sub-grupo: Território, memória e identidade Latino-americanas.

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE

Solimar G. Messias Bonjardimⁱ
Doutoranda em Geografia – NPGeo/UFS
Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura
E-mail: solmessias@yahoo.com.br

Maria Geralda de Almeida
Profa. Dra. Orientadora NPGeo/UFS – IESA/UFG
E-mail: mqdealmeida@gmail.com

Resumo

Neste artigo o objetivo é discutir o papel da Igreja Católica na formação da identidade nos assentamentos rurais da diocese de Propriá – Sergipe. A Escolha da diocese se deu porque esta tem um histórico de luta, de envolvimento com as questões sociais, com os movimentos pela terra. Para tanto, foram visitados assentamentos rurais da diocese de Propriá classificados pelo INCRA como pertencentes a fase sete, isto é, assentamentos já estruturados e consolidados. Neste contexto, verificou-se que a Igreja nestas áreas é muito atuante, indo até a sociedade carente, lutando lado a lado por seus direitos. Por isso, a identidade nestas comunidades está intimamente relacionada com a fé católica. Sendo a fé o centro dos acontecimentos das comunidades.

Palavras-Chaves: Identidade, Igreja Católica, Assentamentos Rurais.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

***“Os pobres são nossos mestres”
São Vicente de Paula***

A citação de São Vicente de Paula abre este artigo e a fala da maioria dos padres ligados a luta pela terra no estado de Sergipe, pois sem preparo específico, após sair do seminário, os pobres das comunidades são os mestres e a força dos que aprendem a



lutar pelos direitos dos menos favorecidos, uma verdadeira escola. E, com esse engajamento constroem para a Igreja Católica um território religioso com forte presença da identidade e da fé da população pertencente aos assentamentos rurais. Nestas localidades a identidade com a fé católica emana das pessoas, dos acontecimentos sociais.

Neste sentido, identidade e fé. Como conceituá-las no mundo atual? Como entendê-los na modernidade? Ambos estiveram ligados, grudados, geminados. Ainda permanecem? Hoje a identidade tanto individual quanto social perpassa por uma infinidade de nuances que a distanciaram da fé. Isto é, antigamente, as representações do passado eram veneradas e os símbolos conservados porque continham e perpetuavam a experiência de gerações. Estabeleceu-se que ter identidade equivaleria a ser parte de um todo, de uma tradição social. A Fé, por meio da religião, era este todo, a companheira inseparável do ser humano, a tradição que unia as famílias, os vizinhos, os amigos, enfim, a sociedade.

Para o estabelecimento e exercício desta fé a Igreja Católica estava presente, pois na sociedade ocidental era a senhora toda poderosa que mantinha a fé e consequentemente a religião como pilar da identidade social. Com o advento da modernidade e o fim da dominação suprema da Igreja Católica, a identidade baseada na fé, na igreja católica definhou-se. Contudo, existem locais, principalmente os mais afastados da dinâmica vida moderna, que permanecem com a fé inabalável, com a fé religiosa como pilar central da identidade social da comunidade. A Identidade, neste sentido, é moldada a partir das relações estabelecidas entre os indivíduos na sociedade.

Na sociedade a fé religiosa era guiada pela Igreja Católica, que desde a Idade Média estabeleceu-se como uma unidade político-administrativa, econômica, e acima de tudo religiosa (ROSENDAHL, 1996). Esse poder de guiar a sociedade oficialmente durou até a laicização do Estado no final do século XIX. No decorrer dos anos, com o fluxo contínuo da vida, a identidade com a religião essencialmente católica sofreu esgarçamento.

Por conseguinte, atualmente a Igreja Católica, em menor força, ainda exerce grande influência, tanto sobre católicos quanto não católicos, por meio da determinação de uma cultura baseada na religião, com influência nos feriados, festas, crença nos dizeres bíblicos, no estabelecimento de lugares santos, no seguimento de um calendário estabelecido pela Igreja Católica Apostólica Romana, etc. O sacerdote, neste cenário, ocupa o centro da gestão da identidade territorial; ele promove a união e fé entre a população, criando simbolismos e representações próprios da Igreja e perpetuando a



identidade. Vale lembrar que as comunidades que mantêm o fluxo de vida distante da dinâmica moderna conseguem conservar a identidade anexada a fé religiosa.

O conceito de identidade, segundo Raminhos (2004), perpassa pela fonte de significado e experiência de um povo, isto é, modo como uma sociedade estabelece significados a sua realidade. A sociedade através dos signos e representações se identifica com dado território, com dado aglomerado cultural. Além do sentimento de pertencer, ele se identifica com o território, pela sua herança cultural. A Herança cultural, muito além de patrimônio herdado do pai, é formada por bens que nos fazem criar o sentimento de “nosso lugar”, pode ser formado por uma paisagem simbólica, um cheiro, uma música, uma representação. A herança é aquilo que nos faz ter o sentimento de identidade.

Nesta idéia a identidade aqui é entendida como um sistema social que surge da relação do “eu” com o “outro”, do convívio do indivíduo em sociedade. Sendo que os significados das representações estão relacionados à similaridade e a diferença que os sujeitos têm com outros indivíduos em uma sociedade (Hall 2002, p. 40). Castells (2008) complementa essa idéia ao afirmar que a identidade constrói significados com base no atributo cultural. Ou seja, a identidade está relacionada aos significados e representações que posicionam os sujeitos num dado grupo.

No século XXI o enquadramento da identidade num modelo único, pronto e acabado não é aceito. Mesmo aquele modelo fragmentado em nação, estados, municípios, cidades, bairros não é condizente com a realidade. A identidade cultural de uma nação perpassa por representações variadas. De acordo com Pinto (2004) a fragmentação em paisagens culturais de classe social, gênero, sexo, raça e nacionalidade, que no passado nos forneceram localizações sólidas como indivíduos; ou seja, as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em acentuado declínio, fazendo surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo em múltiplas identidades.

Segundo Dourado e Vargas (2012) ao criar condições de continuidade de uma trajetória, a identidade reafirma o sentido de pertencer. Ao viabilizar essa possibilidade, a identidade revela um caráter transformador da mudança social, pois, a mesma favorece a criação de estratégias futuras e possibilita a criação de projetos e ações pelos sujeitos dentro de determinado contexto social. Esse caráter transformador da identidade é percebido quando grupos sociais que se encontram em condições desvalorizadas constroem um resistência baseada nos próprios ideais e princípios, sendo capazes de



construir uma nova realidade, redefinindo seu papel na sociedade (CASTELLS, 2008; CRUZ, 2007).

Hoje em dia, as necessidades culturais das grandes cidades produzem identidade além das divisões dos municípios, bairros, cidades, estados, nações, sexo, gênero, raça produz em a cada zona, extrato econômico, grau de escolaridade, faixa etária e muito além. Sem esquecer que o principal acesso a cultura e sua disseminação hoje estão ligados á eletrônica. A quantidade de TVs, vídeos, jogos, filmes espalhados ao nosso redor chega a ser talvez maior do que o número de alfabetizados. Essa “nova” tecnologia reorganiza os hábitos culturais e também nossa sensibilidade. É este contexto que está se formando um novo imaginário. Será?

Canclini (1999), em seu estudo, conclui que a maioria da população não utiliza as instalações culturais públicas na cidade. A quase totalidade das ofertas culturais (bibliotecas, museus, teatros, cinemas) está nos shoppings e/ou locais centrais nas cidades, onde moram os grupos de maior poder aquisitivo, segregando outras partes, favorecendo as desigualdades. A população das periferias não frequenta estes lugares, a diversão e identificação que alguns encontram nas bibliotecas, cinemas, teatros e museus, a quase maioria da população encontra na televisão e na cultura transmitida por esta ou mesmo em atividades realizadas por grupos sociais em seus próprios espaços.

Nas periferias das cidades e em grande parte do interior do Brasil, a maioria das ações sociais e a responsabilidade de criar espaços para o exercício da cidadania têm sido feita por ações de grupos religiosos. É nos espaços das igrejas, templo e seu entorno, que os projetos sociais acontecem (PINTO, 2004). Além de outros ramos inundados pela religião como vendas, editoras de livros, gravadoras de CDs, etc. Essa interferência mantém e sustenta a fé religiosa que, em alguns momentos, podem parecer distante nas comunidades, mas estão extremamente presentes no imaginário diário da população, construindo e mantendo o território da Igreja Católica.

Quando trabalhamos com o território e imaginário de um povo, com sua cultura, a análise nos remete a identidade. Não pode haver cultura social se não existir uma identidade cultural. Destarte, trabalhando com cultura religiosa do catolicismo estamos falando de identidade, de um sistema símbolo representativo, significativo que faz as pessoas sentirem-se incluídas culturalmente numa manifestação, aqui católica. Neste sentido, a memória contribui para a preservação do passado e continuação no futuro. Porém, ela só existe na sociedade em que o indivíduo vive. A memória mesmo sendo individual, é também coletiva, faz parte das vivências sociais, mas ambas não se confundem.



Pollak (1992) entende a memória como um fenômeno construído social e individualmente, existindo uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, principalmente pelo fato da memória transmitir ao indivíduo e a comunidade o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa e/ou grupo na reconstrução de si. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Isto é, a partir do momento que uma pessoa faz parte de um grupo a sua identidade será moldada e influenciada por esse, e esta acolherá a influência para ser admitida e aceita. A identidade social é à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros.

Halbwachs (2009, p. 69) enfatiza que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” e muda segundo o lugar e as relações mantidas com outros ambientes. Este autor completa que a memória é formada, por uma temporalidade e por uma espacialidade. Assim, conforme Souza e Bonjardim (2011), a memória contempla a cultura e permite descobrir as identidades de uma coletividade ou grupo social, o que leva a percepção enquanto identidade e pertencimento, porém limitada no espaço e no tempo. E é por meio desta discussão que entendemos a identidade e fé católica.

Neste íterim, o objetivo neste artigo é discutir o papel da Igreja Católica na formação da identidade nos assentamentos rurais da diocese de Propriá – Sergipe. A Escolha da diocese se deu porque esta tem um histórico de luta, de envolvimento com as questões sociais, com os movimentos pela terra. Para o desenrolar deste objetivo foram visitados assentamentos rurais da diocese de Propriá no Estado de Sergipe classificados pelo INCRA como pertencentes a fase sete, isto é, assentamentos já estruturados e consolidados. Foram escolhidos estes devido ao tempo de implantação, ao grau de organização e principalmente pelo envolvimento da Igreja Católica nas lutas pela terra. Nestes foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com moradores antigos, que estão no local desde o acampamento, que “pegaram lona”ⁱⁱ como eles próprios classificam. Com estes analisou-se o grau de envolvimento com a Igreja Católica e a representatividade da mesma na sua vida diária, ou seja, a identidade estabelecida com a fé e com a religião.



Este artigo está dividido em duas partes, na primeira caracterizamos o estabelecimento do território católico em Sergipe e a criação das dioceses; na segunda parte discutimos o papel da diocese de Propriá na luta pela terra e a criação e manutenção da identidade religiosa por parte da igreja.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E FÉ CATÓLICA EM SERGIPE

O Estado de Sergipe está situado entre os estados da Bahia e de Alagoas, na região Nordeste do Brasil, menor estado da federação, na atualidade possuindo 75 municípios e com uma área total de 22.000 m². Com um clima e vegetação diversificada, que perpassa desde a zona da mata de clima quente e úmido com plantações monocultoras abundantes até o sertão com clima seco, voltado para a pecuária, com chuvas raras e vegetação de caatinga. A paisagem das cidades sergipanas é semelhante a muitas outras do Brasil, isto é, nas cidades do menor estado do país encontram-se presentes aspectos modernos, que deixam a vida do sergipano dinâmica e moderna, e também rugosidades de tempos passados nas pequenas cidades e povoados, com a vida dedicada ao campo e ao tempo lento. Sendo que, em todo o estado a presença da igreja católica é marcante em todo território.

Os primeiros missionários chegaram a Sergipe para construir o território sagrado e estabelecer o poder antes da colonização, principalmente pela necessidade que se impunha aos portugueses de uma ligação por terra entre o território que hoje é o estado de Pernambuco e a antiga capital da colônia Bahia (SANTANA, 2003). Naquela época, muitos dos contatos com os nativos eram feitos pelos jesuítas com o intuito de catequizar e domesticar, em Sergipe não foi diferente.

Em 1575 um pequeno grupo de jesuítas se estabelece próximo onde hoje se encontra a cidade de Itaporanga d'Ajuda-SE. Esta missão tinha como finalidade catequizar e domesticar os índios. Porém alguns anos depois os jesuítas foram expulsos juntamente com soldados portugueses que os acompanhavam por causa de desentendimentos com os nativos. A segunda missão jesuítica chegou ao estado na época da ocupação efetiva, nos últimos anos do século XVI, com a doação de sesmarias para as ordens religiosas. De acordo com Freire (1977) todas as ordens religiosas receberam sesmarias e edificaram Igreja, algumas com convento ou casa de morada, nas terras recebidas e também na capital da Província, São Cristóvão.



O clero secular recebeu sesmaria em Sergipe Del Rey um ano depois de sua chegada, por volta de 1600, com doação para o vigário Padre Ferraz. Em 1602 o Padre Gaspar Fernandes, também vigário do clero secular recebia sesmarias. Os Beneditinos chegaram por volta de 1603, conforme carta de sesmaria que lhes foi dada em agosto de 1603. Os carmelitas, além da Igreja e convento em São Cristóvão, adquiriram sesmarias no sul do Estado para produção diversa. Os Franciscanos chegaram após alguns anos, em 1657, e edificaram na cidade a primeira Igreja franciscana com o convento em terreno doado pelo sargento Bernardo Correia Lima. Todas estas ordens edificaram Igreja, algumas com convento ou casa de morada, na capital da Província, São Cristóvão.

Conforme relata o Livro de Tombo da Cúria Metropolitana de Aracaju (s/d) os jesuítas, ao chegarem, edificaram capelas e casas de morada nos engenhos Dira, Colégio, Comandaroba, Retiro, Moura e Camassary, onde iniciaram produções diversas, com destaque para a cana-de-açúcar. A consolidação destas fazendas contribuiu para a construção dos territórios sagrados no estado, necessários para criar o sentimento de pertencimento e a identidade dos novos ocupantes com o ambiente ocupado, além de conformar uma paisagem cultural religiosa e estabelecer um sistema de redes com a Bahia e Portugal.

Como Portugal é um país católico e seu povo extremamente fervoroso, os sesmeiros construíam nos locais onde estabeleciam moradias o símbolo do poder religioso: uma Capela/Igreja. Assim, os novos ocupantes construíram o território sagrado no estado, moldado por símbolos necessários para existir o sentimento de identidade. Atualmente existem Capelas/Igrejas abandonadas fruto desta ocupação, principalmente as localizadas no meio de fazendas de gado ou de engenhos de açúcar. Este tipo de construção quanto mais suntuosa identificava a fé e o poder da família construtora. Ou seja, demonstrava o poderio econômico e a identidade cultural da sociedade em formação (Bonjardim, 2011).

Deste modo, os novos ocupantes construíram o território sagrado no estado, moldado por símbolos necessários para existir o sentimento de identidade. Na atualidade alusões ao catolicismo estão em toda parte, desde a capital desenvolvida e moderna até às pequenas cidades, isoladas e inóspitas. A igreja católica, longe de ser a única religião e de ter os seguidores mais fervorosos, é uma referência, pois possui o maior número de fiéis e está, além disso, enraizada no cerne da formação do povo, da tradição de ser brasileiro, de agradecer a Deus a todo o momento, de falar seu nome diante de dificuldades e alegrias, etc.



As Igrejas, deste modo, se organizavam em redes de dependência conforme o território religioso crescia. A primeira Igreja do Estado a ser sede de uma Paróquia foi a Igreja Nossa Senhora das Vitórias em São Cristóvão em 1608, ficando o estado todo por quase setenta anos com uma única paróquia ligada à Bahia e também a Portugal. Os padres do clero secular vinham da metrópole ensinar e catequizar em Sergipe, alguns estabeleciam moradia nos conventos e casas de morada, outros estavam somente de passagem. Além destes ainda ficavam no território os seminaristas residentes nos conventos e sacerdotes de outras ordens religiosas como franciscanos, beneditinos, carmelitas, jesuítas, etc., conforme trechos da história contada no livro de tomo da Cúria Metropolitana (s/d).

No fim da década de setenta do século XVII a diocese de Salvador elevou mais quatro Igrejas à Paróquias: Santo Antônio e Almas de Itabaiana (1675) no agreste; Santo Antônio de Neópolis (1679), no norte do estado às margens do Rio São Francisco; Nossa Senhora da Piedade de Lagarto (1679); e Santa Luzia do Itanhy na cidade de mesmo nome (1680), no sul do estado. A partir deste momento cada paróquia tinha seu território delimitado, sendo subordinadas à diocese da Bahia.

A primeira diocese do estado de Sergipe foi criada em 1910, na capital Aracaju, desmembrada da Diocese da Bahia, Diocese Primaz Principal – primeira do Brasil, por causa do crescimento do território religioso: aumento no número de fiéis e de Igrejas no Estado de Sergipe. No momento do desmembramento Sergipe contava com vinte e nove paróquias. Após a criação da diocese este número quase duplica, chegando às vésperas da elevação da Diocese em Arquidiocese e dos desmembramentos com cinquenta e seis paróquias.

A elevação à Arquidiocese Metropolitana aconteceu em 1960, juntamente com a criação de duas dioceses sufragâneas: Propriá e Estância. Nesta divisão o Estado ficou com a diocese de Propriá no Norte, a diocese de Estância no Sul e a Arquidiocese de Aracaju no centro do Estado, conforme figura 01.

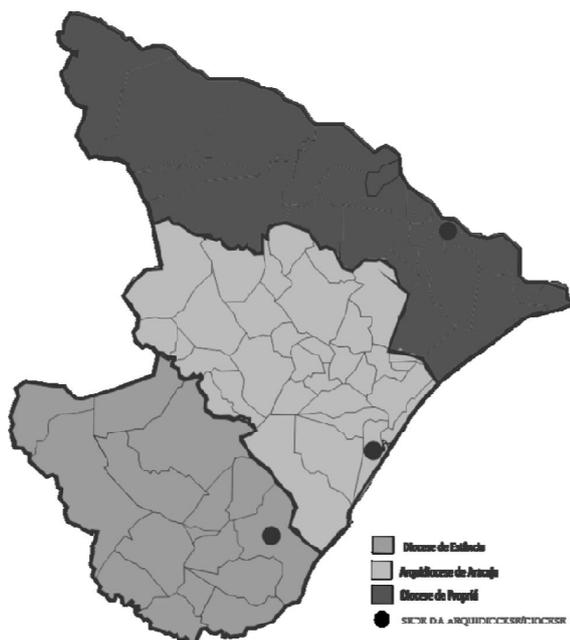


Figura 01: Território da Igreja Católica em Sergipe:divisão da Arquidiocese e das Dioceses e suas respectivas sedes.

Fonte: Solimar M. Bonjardim, Trabalho de Campo – 2011.

Base Cartográfica: SRH - 2004.

Elaborado por: Rodrigo Santos Lima.

Com este desmembramento a Arquidiocese de Aracaju estabeleceu-se como a maior detentora de Paróquias – com oitenta e quatro – e, assim de territórios religiosos. Principalmente por que nesta área está concentrada a maior parte da população do Estado, além das capelas rurais dos antigos engenhos, e Igrejas e conventos de ordens religiosas. A diocese de própria conta com vinte e cinco paróquias e Estância com vinte paróquias.

No ano de 2006, os bispos de Aracaju e de Propriá instituíram a divisão das dioceses também em vicariatos, para facilitar a administração e manutenção do território. Nesta divisão a arquidiocese de Aracaju foi dividida em quatro vicariatos: São Lucas, São João Evangelista, São Mateus e São Marcos; a diocese de Propriá foi dividida em três vicariatos: Imaculada Conceição, Bom Jesus dos Navegantes e Santíssima Eucaristia.

Com relação à subordinação, cada vicariato é subordinado a sua diocese. Vicariato é uma forma encontrada para facilitar a administração paroquial e sua criação é uma decisão bispal. Na ocorrência de muitas paróquias, o vicariato é uma opção. O vicário episcopal, na área pré-estabelecida, faz às vezes do bispo resolvendo os problemas das paróquias. Ele acompanha e suaviza o trabalho do bispo/arcebispo, ajudando nas



necessidades e realizações para a condução da diocese. Os vicariatos ajudam a criar unidade entre os padres e o bispo e destes com a população. Mesmo esta divisão acontecendo a linguagem dos vicários estão afinadas com o propósito do bispo da diocese/arquidiocese.

A subdivisão territorial aumentou, na verdade, a rede de subordinação. As capelas são dependentes de uma paróquia. Esta, por sua vez, é subordinada a um vicariato, este a diocese/arquidiocese, que é dependente direto de Roma. Sergipe é uma província eclesiástica e essa é formada por uma arquidiocese e várias dioceses, todavia, sem vínculo de prestação de contas. A subordinação é direta com Roma.

Vale esclarecer que as dioceses são autônomas entre si, existindo uma relação de unidade, Estância e Propriá reconhecem a arquidiocese de Aracaju, todavia, não são dependentes de Aracaju, não seguem os mesmos preceitos. Os bispos das dioceses agem independentes do arcebispo. O que existe, segundo informou o Chanceler da Cúria Arquidiocesana em entrevista, é um relacionamento de respeito, uma união pela fé e pelos princípios religiosos.

Portanto, o Estado de Sergipe se encontra dentro desta imensidão católica, e possui uma paisagem rica em símbolos que nos remetem a religião como as igrejas católicas; as escolas, bairros, povoados, fazendas, estradas e ruas com nomes de santos; casas paroquiais, casas de missionários (as), de santuários, de cruzeiros, cemitérios, etc. Nas andanças pelo interior do estado encontram-se traços dessa devoção, nas materialidades, como citado acima, e nas manifestações imateriais, como festas, quermesses, romarias, procissões, atos de fé, palavras do dia-a-dia e, também na luta da Igreja Católica nos movimentos sociais em algumas localidades.

Com relação a participação da Igreja Católica nos movimentos sociais, no Brasil o envolvimento da Igreja com as questões sociais é antiga, ganhando expressividade na década de setenta, com a luta de alguns párocos do Mato Grosso e da Amazônia pelo direito da população a terra. Nesta época, segundo Mitidiero Junior (2008) nasceu a Comissão Pastoral da Terra para lutar pelos injustiçados do campo. A Pastoral buscava transformações para um território caracterizado pelas desigualdades sociais produzidas pelo sistema econômico vigente (concentração de terras, exploração do trabalho caracterizada por baixíssimos salários, inexistência de direitos trabalhistas, latifúndios improdutivos, escravidão etc.). Vale acrescentar que antes

(...) do nascimento da CPT, a atuação da Igreja no campo, por meio de grupos e instituições, encontrava-se nas ações da Juventude Agrária



Católica (JAC), no Movimento de Educação de Base (MEB) e na Pastoral Rural. Na verdade, quando em 1975 surgiu a CPT, a JAC encontrava-se inteiramente desarticulada em consequência de divisões internas e da forte repressão política aos seus militantes. (MITIDIERO, 2008, p. 149)

Em Sergipe, houve um tempo que não existia nenhum organismo da igreja voltada para o trabalho com os menos afortunados, que cuidava diretamente da questão agrária. Mas deste a implantação da Arquidiocese de Aracaju em 1960, que os dirigentes da Igreja Católica têm uma preocupação com os moradores do campo. Dom José Vicente Távora (1958 - 1970), o primeiro Arcebispo Metropolitano de Aracaju, implantou, em quase todos os municípios sergipanos, os sindicatos rurais. Com esta iniciativa, segundo a Cúria Metropolitana (2010) desejava que os trabalhadores rurais unidos tivessem mais condições de reivindicar os seus direitos e fossem mais fiéis no cumprimento de seus deveres. Este arcebispo criou ainda o MEBⁱⁱⁱ – movimento de educação de base que plantou no estado a ligação da igreja com a cidadania e cuidava da alfabetização voltada para a conscientização da população. Sendo este o início das lutas pela terra no estado de Sergipe.

Dom Luciano Cabral Duarte (1971 - 1998), segundo Arcebispo Metropolitano de Aracaju, de acordo com o site da Arquidiocese de Aracaju, para mostrar concretamente a viabilidade da reforma agrária e, concomitantemente, da criação de empregos para as pessoas não alfabetizadas ou de pouca instrução, que não possuíam terra para trabalhar, empreendeu uma experiência de reforma agrária em Sergipe. Contando com a colaboração de políticos e instituições privadas de Aracaju e da Alemanha, Dom Luciano José Cabral Duarte, na época Bispo Auxiliar e, a partir de 1971, Arcebispo Metropolitano de Aracaju, conseguiu recursos e comprou grandes propriedades: duas no município de Maruim, uma em Santo Amaro das Brotas, uma em Santa Rosa de Lima, uma em Carmópolis e uma em Divina Pastora. Essas 06 propriedades foram divididas em lotes de 33 tarefas (dez hectares) e nelas foram assentadas 261 famílias. Antes e depois de instalados, os chefes de família eram treinados e orientados para o cultivo da terra e tornaram-se pequenos agricultores e criadores de gado. Esta melhoria de vida dos participantes do projeto justifica plenamente o nome PROCASE - Promoção do Homem do Campo de Sergipe, que, ao longo de sua existência, entre 1968 e 1988, beneficiou cerca de 5.000 pessoas. Tratou-se de uma iniciativa-modelo que ainda preparava os novos agricultores para o correto uso da terra.



Com relação à CPT, a criação da Comissão de Pastoral da Terra no estado teve vida curta, isto é, quanto o movimento da Comissão da Pastoral da Terra (CPT), se espalhou por todo o Brasil, Sergipe a partir de 1976 teve padres e missionários dedicados a participar desta luta. Mas após as primeiras conquistas, a CPT no estado atuou até 1993^{iv}, sendo substituído pelas ações de luta pela Cáritas. É necessário frisar que a CPT atuava, em Sergipe, somente na diocese de Propriá. Nesta diocese os dirigentes relatam que local que tinha, desde sua criação, histórico de pobreza e exploração dos grandes latifundiários sobre os pequenos agricultores e trabalhadores rurais^v.

A DIOCESE DE PROPRIÁ NA LUTA PELO ACESSO A TERRA: CONSOLIDAÇÃO IDENTITÁRIA

Em Sergipe a diocese de Propriá é na atualidade a única diocese que tem trabalho voltado para o camponês, para os trabalhadores explorados do campo desde 1961, que realizam, anualmente, a romaria pela terra. A diocese tem um histórico de envolvimento com os pobres para lutar por seus direitos^{vi}, com ações que nos remetem a criação da diocese, com o lema “fé e vida”. Nesta diocese os padres são incentivados a ir até o povo e não esperá-los na Igreja, ir ao encontro do povo humilde e participar de sua vida.

No momento de sua criação, o Papa João XXIII escolheu para assumir o posto de Bispo na Diocese, Dom José Brandão de Castro, que tomou posse no mesmo ano. Dom José Brandão de Castro nasceu em Rio Espera/MG, em 24/05/1919, fez estudos sacerdotais no Seminário de Mariana e no Seminário Redentorista de Congonhas, Juiz de Fora e São João Del Rei. Licenciado em Filosofia, emitiu seus votos religiosos na congregação do Santíssimo Redentor, sendo ordenado Sacerdote no Santuário de N. Senhora da Penha-SP em 1944.

Ao assumir a nova diocese, logo na sua chegada, tomando conhecimento da pobreza do povo que ia assumir, se dedicou a lutar por esse povo e instituiu o lema citado acima. Nos 27 anos de vida na diocese, o Bispo defendeu a melhoria nas condições de vida para todos, não só no campo religioso, como no campo social e educacional.

Nas palavras do padre Isaías, esse Bispo rompeu:

(...) com uma longa tradição, para a qual o exercício do múnus episcopal centrava-se no exercício de uma autoridade equivalente àquela dos poderes civis, e tinha como pressuposto a manutenção da ordem e do poder da Igreja, ele colocou-se a serviço da libertação dos beiradeiros do



Velho. Juntamente com parte do clero, dos religiosos e religiosas e dos/as leigos/as da Igreja Particular de Propriá, incorporou as dores e as esperanças dos pobres e as expressou através de maneiras de orar, de cantar, de fazer poesia e de enfrentar os poderes tradicionais. (NASCIMENTO FILHO, 2012, P.01).

Diante desta iniciativa a Diocese de Propriá, ao longo da história, ficou conhecida por ter sido uma Igreja que, desde o seu primeiro Bispo, assumiu a evangelização a partir da opção preferencial pelos pobres. Marcando a história da Igreja diocesana de Propriá e repercutindo pelo Brasil, o movimento em defesa dos posseiros do Betume (em Neópolis), dos posseiros da Fazenda Santana dos Frades (Pacatuba), dos posseiros de Mundéu da Onça (em Neópolis), da Ilha de São Pedro e da Caiçara do povo indígena Xokó (em Porto da Folha), dos sem-terra da Barra da Onça e Pedras Grandes (Poço Redondo), de Ilha do Ouro (em Porto da Folha), Monte Santo (em Gararu) e Morro dos Chaves (em Propriá); a luta contra a transposição em defesa do Rio São Francisco e a defesa das comunidades quilombolas.

Segundo Nascimento Filho (2011) estes foram momentos em que a união das comunidades era muito forte. Havia um verdadeiro mutirão em defesa da vida. O clamor dos índios Xokó, no sertão, sensibilizava as comunidades da praia, e vice-versa. A solidariedade de pessoas, freiras, padres e bispos de várias partes do Brasil, parlamentares, entidades de classe e movimento estudantil foram de grande valia para a luta pelas comunidades e populações necessitadas.

Com as lutas em defesa dos pobres do Betume de Neópolis, é criada em Sergipe a Comissão Pastoral da Terra, que irá estar junto com a população carente nas lutas pela terra, por condições de vida. A CPT, como era conhecida a Pastoral da Terra, atuou em Sergipe até 1993, quando o segundo bispo de Propriá ordenou seu fechamento. Em 2002, com a chegada do terceiro bispo de Propriá, Dom Mário Rino Sivieri, autorizou que a Cáritas Diocesana de Propriá vestisse a camisa da Comissão Pastoral da Terra. Segundo Pe. Isaías esta não é sua função, mas por falta da CPT ela assumiu a missão de defender os pobres e oprimidos.

O papel da Cáritas é estar junto, não ser tutor, é estar com as comunidades e auxiliá-las no encaminhamento de suas lutas e ações necessitadas. Esta entidade está junto não somente com trabalhadores rurais, nas também com comunidades quilombolas e indígenas nas lutas pelos seus direitos.



A CPT já exercia este papel, um exemplo é a luta da Igreja em conjunto com os índios Xokós. Esses estavam perdendo cada vez mais sua terra, eram assassinados pelos fazendeiros da região para se afastarem das fazendas. Pelo grau de miserabilidade a CPT e a diocese lutaram por esse povo. A reivindicação pela posse da terra durou três anos com ameaças e inquietação, muitos se fizeram solidários. Dom José Brandão de Castro sempre que necessário dava o grito pela justiça. A Ilha de São Pedro foi enfrentada em favor dos índios Xocós, hoje libertos na sua aldeia.

Neste sentido, a Igreja Católica hoje se tornou parceira das comunidades, contudo, em alguns casos de miserabilidade extrema a Igreja entra com ações mais concretas para ajudar o povo a desenvolver-se, como o caso da Paróquia de Brejo Grande. Nesta localidade o pobre, segundo depoimento do padre Isaías, só tinha direito a água, então a Igreja e a Cáritas desenvolveram ações para ajudar o povo em inúmeras funções.

A Igreja, assim, auxilia as comunidades a refletirem ações, reações de inclusão social. Exigindo do Estado ações concretas para melhoria de vida do povo. A Cáritas não espera o contato destas comunidades, ela visita as comunidades carentes, principalmente, baseada nas discussões que antecedem as romarias pela terra^{vii}, organizadas pela diocese e com base no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Sendo que, a diocese de Propriá tem a maioria dos menores IDHs do estado. Além disso, chegam às comunidades pela homilia proferida nas missas. Conforme levantamento realizado em 2011 e informação do chanceler da Diocese de Propriá, todas as comunidades que teve a CPT ou ainda tem a atuação da Cáritas tem capelas e atuação direta da Igreja Católica.

A nossa Diocese sempre esteve junto aos excluídos do Baixo São Francisco e, desde 2005, tem priorizado sua presença junto aos pobres de Brejo Grande cujo IDH é um dos mais baixos do Estado. Aos pobres, por completo, nunca lhes fora dado o direito de uso da propriedade, a não ser como meeiros – que é um regime de semi-escravidão - até meados dos anos 80, quando foram expulsos das lagoas naturais que são da União. As águas do rio São Francisco e do Mar são a salvação para quem quer permanecer no município. O retrato do município lembra um bolsão de miséria como se estivéssemos nas favelas das grandes cidades. O descaso em relação à execução de políticas públicas nos mostra um retrato do tempo do Brasil colônia, no tempo da casa grande e das senzalas: aos escravos, pobres, só os restos; aos senhores, os donos das



terras e dos poderes políticos, tudo. (<http://padreisaias.nascimento.blogspot.com.br/>, 2012)

As ações da Igreja Católica na construção dos assentamentos de reforma agrária e nas lutas pelas comunidades carentes criaram e/ou fortaleceram a identidade religiosa e a fé católica (nos santos, milagres, em um Deus que olha pelos pobres, etc.). A luta, dessa igreja revolucionária, perpetua e enraíza profundamente a identidade, o que contribui para a fixação do território da Igreja Católica. Esse fato ficou evidente nas entrevistas realizadas nos assentamentos rurais consolidados que tiveram a participação da Igreja Católica.

O primeiro assentamento rural do estado de Sergipe, Santana dos Frades, teve este caminho. A luta aconteceu há mais de trinta anos, o assentamento foi estabelecido em 1981, nas coletas de depoimento verificamos a identidade dessa população com a Igreja e com Nossa Senhora Santana, santa padroeira da Igreja já existente na fazenda desapropriada. A fazenda foi um reduto dos frades capuchinhos até o século XIX, quando foi vendida para uma família produtora de cana-de-açúcar.

Os novos proprietários de terra, antigos sem terra assentados, eram, na sua maioria, trabalhadores da referida fazenda e devotos de Nossa Senhora Santana. Os trabalhadores lutaram ao lado de missionárias e padres pela terra. Sendo que, segundo informaram, os padres e freiras foram acampados como eles, ajudavam na alimentação, nos partos, com os doentes, etc. Esta luta é registrada na memória da região como o mais cruel e duradouro conflito por terra. Hoje a identidade e a fé destes moradores são inabaláveis. E acreditam ser por causa da santa que eles hoje possuem a terra, um trabalho e o que comer. Principalmente por que padres e freiras lutaram junto pela terra.

Na luta, na lona era barraca, ninguém boto nós pra fora, com aquela mãe ali (aponta para a Igreja), bota não, nós dento, nós dento, comia feijão seco, feijão maduro, comia o que viesse, nós (comia – gesto de comer). Por causa de nós todo povoado ai saiu luta, mas quem ensinou o caminho foi Nossa Senhora Santana. Quando saimo de dentro da mata a barreira tava ali (aponta ao lado da Igreja), se passa morre e nós dento, nós dento, eles lutava na bala e nós no pedaço de pau e Nossa Senhora Santana dizendo nós vence, nós vence. Um comia uma coisinha, outro comia outra. Agora minha mãe (referência a N.S. Santana) me deu tudo. (...) pescando, depois de poucas horas, penso o que vô bota em casa? Ai eu peço a Deus, acima de Deus tem aquela “estóra”, eu tenho uma mãe na

Senhora Santana e minha mãe vai me ajudar, quando boto o pé na praia, quando penso já to em casa e tá tudo bem (...). (Depoimento de um senhor de 60 do assentamento Santana dos Frades em Pacatuba – primeiro assentamento do Estado).

Nesse depoimento vemos o tamanho da fé do entrevistado, contando sua luta pelo acesso a terra. O quanto ele reverencia a santa que acredita ser a divindade da localidade. Neste assentamento a antiga sede da fazenda foi derrubada, mantendo nas terras coletivas somente a capela dedicada a Nossa Senhora Santana, construída pelos frades carmelitas no Séc. XVIII, figura 02.



Figura 02: Igreja Nossa Senhora Santana e Agrovila de Santana dos Frades, 2012.

Nesta figura percebe-se a Igreja no centro da Agrovila, na praça onde ocorre a feira semanal e todas as festas do assentamento. Na verdade, neste assentamento específico, a Igreja antecede o assentamento e, por isso, foi decidido a construção da agrovila ao redor da Igreja. Conforme relataram os moradores a luta pela terra também aconteceu neste local. O acampamento ficara do lado esquerdo da Igreja e a fazenda começava na Igreja.

Em outros assentamentos rurais visitados, que teve a participação da Igreja Católica, verifica-se a construção de símbolos católicos na paisagem, como cruzeiros, cruzeiros, igrejas. E ainda a forte religiosidade do povo, da fé que eles têm no catolicismo,



expressos nas festas, no ato de pagar promessa, nos altares construídos em casa, nos símbolos na propriedade.

Como é o caso do assentamento Barra da Onça e Pedra Grande em Poço Redondo. Nestes assentamentos a identidade e a fé na Igreja Católica levaram os moradores a requisitar ao INCRA uma área para a construção da Igreja Católica, para a manifestação da fé. As igrejas, nos assentamentos rurais, estão localizadas em local central na agrovila (Pedra Grande) ou no centro do assentamento quando não possui agrovila (Barra da Onça^{viii}). A população nestes assentamentos é de maioria católica. Com participação maciça nos eventos da Igreja Católica, como festas, quermesses e procissões.

Nas entrevistas constatamos que a população destas localidades é fervorosa nas devoções a santos, nas promessas e na espera dos milagres. A espera por estes é muito grande, sempre acreditam em dias melhores, em um santo que irá interceder perante Deus por seus pedidos. Sendo a devoção caseira também muito presente na vida destas pessoas, com construção de altares e locais de adoração nas propriedades.

Neste sentido, as pessoas destas comunidades mantêm o território católico tanto pela luta da igreja quanto pelas orações diárias, pela fala sempre rogando a Deus, pelos gestos (como sinal da cruz, apontar para o céu sempre que falar de acontecimentos felizes ou quando estão pedindo ou esperando algo, etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, por meio de um levantamento preliminar de campo, identificamos a diocese de Propriá como o território que a Igreja Católica se fez mais presente nas lutas pela terra, pelo acesso do pequeno agricultor à terra.

Nas áreas de assentamento rural perpassam símbolos da tradição, da luta e participação católica, transmitidos tanto pela oralidade como também pela gestualidade. Nos assentamentos que tiveram a participação da Igreja tem ainda hoje uma identidade com a fé católica, com os santos, independente do tempo que essa integração Igreja-comunidade aconteceu.

A diocese é conhecida pelo seu engajamento nas lutas sociais, constituindo-se na filosofia de pensar no próximo, no desenvolvimento da sociedade. Nos assentamentos rurais, com o layout de luta, de ajudar os menos favorecidos enraizaram a fé católica, enterraram a religião católica na alma da população.



Assim, o território católico do estado de Sergipe, conseqüentemente nos assentamentos, é muito denso e forma uma paisagem homogênea, repleta de símbolos católicos que deixam a paisagem representativa, interagindo com o dia-a-dia da população e criando o sentimento de pertencimento, de identidade. Pode-se afirmar, sobre o território do sagrado no estado de Sergipe, que este desenvolveu-se a partir da doação de sesmarias às ordens religiosas e a colonização efetiva, consolidando-se pelo sentimento de identidade que os habitantes tinham com a Igreja Católica Apostólica Romana. Na contemporaneidade, a identidade destes habitantes continua criando territorialidades, propiciando o crescimento identidade, principalmente nestas áreas isoladas, que um dia tiveram a presença constante de padres e missionários.

Enfim, diante do exposto, podemos esclarecer que estes são dados e análises iniciais que nos permitem avançar, num momento futuro, para uma análise dos territórios e identidades religiosos e suas relações de poder na tese de doutorado ao qual este artigo compõe.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAIS

LIVRO DE TOMBO DA CÚRIA METROPOLITANA, Aracaju – Sergipe, volume I, Sem Dada.

ARQUIVO DOCUMENTAL DAS PARÓQUIAS EXISTENTES NAS DIOCESES E NA ARQUIDIOCESE DO ESTADO SERGIPE.

BIBLIOGRÁFICAS

BONJARDIM, S.G.M.; VARGAS, M. A. M. 2010. O VISÍVEL E O INVISÍVEL: A paisagem arqueológica da morte em São Cristóvão e Laranjeiras – SE. Ateliê Geográfico 4 (10): 190-214.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CARTA DE SOLIDARIEDADE ÀS COMUNIDADES TRADICIONAIS. Salvador/BA, 16 de agosto de 2010. Disponível em: <http://padreisaianascimento.blogspot.com.br/> Acessado em 16 de junho de 2012.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 6 ed. São Paulo: Paz e terra, 2008.



CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS. Anuário Católico do Brasil, 2009/2010. 12 Edição. Editora Promocat.

CRUZ, Valter do Carmo. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBERT, Rogério. Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007.

Déda inaugura rodovia Dom José Brandão de Castro ligando Neópolis a Ilha das Flores. Sergipe em 21/04/2010. Disponível em: <http://www.agencia.se.gov.br/noticias/imprimir/materia:19066>. Acesso em 11 de maio de 2012.

DOURADO. A. M. VARGAS. M. A. M. ENTRE TRADIÇÕES E TRADUÇÕES: IDENTIDADE TERRITORIAL NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA. In: III SERNNE – Seminário Regional Norte Nordeste de Pós-Graduação em Geografia. João Pessoa, 2012.

FREIRE, Felisbelo. História de Sergipe. 2 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, Aracaju, SE : Governo do Estado de Sergipe, 1977.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HENDRICK, Francisca. DOM JOSÉ BRANDÃO DE CASTRO. E-mail enviado ao Pe. Isaias Nascimento no dia 11/07/11, uma segunda-feira, às 07hs17. Disponível em: <http://padreisaiasnascimento.blogspot.com.br/> Acessado em 05 de maio de 2012.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio. A ação territorial de uma igreja radical: teologia da libertação, luta pela terra e atuação da comissão pastoral da terra no Estado da Paraíba. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2008.

NASCIMENTO FILHO. I. C. A DIOCESE DE PROPRIÁ COMEMORA 50 ANOS. Posted 10th October 2010. Disponível em: <http://padreisaiasnascimento.blogspot.com.br/>. Acessado em 16 de junho de 2012.

NASCIMENTO FILHO. I. C. PE ISAÍAS NASCIMENTO: Dom José Brandão de Castro, o Bispo dos Pobres do Baixo São Francisco. Disponível em: <http://www.tribunadapraiaonline.com/news/pe-isaias-nascimento%3A-dom-jose-brand%C3%A3o-de-castro.-o-bispo-dos-pobres-do-baixo-s%C3%A3o-francisco/>. Acessado em 16 de junho de 2012.

PINTO, Mércia de V. Identidade Cultural. Palestra realizada durante o Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitetura (ENEA) em 15 de julho de 2004. Restaurante Estação 109, Comércio da 109 Sul, Brasília – DF. Disponível em: http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_pm.pdf>. Acesso em 11 de maio de 2012.

POLLAK, Michael. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

RAMINHOS, M. Fronteiras da Identidade. In: O “outro” na construção de um lugar na serra de Grandola. Oeiras: Celta Editora, 2004.



ROSENDAHL, Zeny. Geografia e Religião: Uma proposta. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, Ano I, p. 45-74, out. 1996.

SANTANA, Pedro Abelardo de. Da Bahia a Pernambuco no século 16: viagens entre dois pólos da colonização do Brasil. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, Serviço Social do Comércio, 2003.

SINTESE. Diocese de Propriá: O clamor da Deputada Ana Lúcia é o clamor dos pobres! Propriá, 03 de março de 2010. Disponível em: http://www.analucia-se.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=685:diocese-de-propria-o-clamor-da-deputada-ana-lucia-e-o-clamor-dos-pobres&catid=38:movimento-negro&Itemid=136. Acessado em 10 de junho de 2012.

SOUZA, Angela Fagna.BONJARDIM, Solimar Guindo Messias. Cantos, Ritmos e Cores. As festas juninas em Sergipe. In: IV Colóquio Nacional do NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações), 2011, Santa Maria. Anais do IV Colóquio Nacional do NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações). Santa Maria: UFSM, 2011. v. 1. p. 1-20.

ⁱ Doutoranda no Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, sob orientação da Professora Dra. Maria Geralda de Almeida. Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura. Colaboradora do projeto de pesquisa financiado pela CAPES, entidade do governo brasileiro, voltada para a formação de recursos humanos, pelo edital Pró-Cultura/2009, denominado "A Dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da UFG e Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS. Beneficiário de auxílio financeiro da CAPES Brasil.

ⁱⁱ Como chamam os atuais assentados que acamparam e participaram de todo o processo de construção do assentamento.

ⁱⁱⁱ O MEB é um organismo vinculado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, constituído como sociedade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro no Distrito Federal. Foi fundado em 21 de março de 1961. Há 50 anos realiza ações diretas de educação popular em diversas regiões do Norte e Nordeste do país e atualmente está nos estados do Amazonas, Roraima, Ceará, Piauí, Maranhão e Distrito Federal, atuando também no Norte e Nordeste do Estado de Minas Gerais, no regime de parceria com o governo estadual.

^{iv} A CPT chegou ao fim em 1993 com a chegada do segundo bispo de Propriá, as ações do Cáritas tiveram início em 2002 com a chegada do terceiro bispo diocesano.

^v A pobreza no estado de Sergipe não está localizada somente na diocese de Propriá, mas é nesta diocese que os dirigentes da Igreja irão lutar pelos menos favorecidos.

^{vi} Mesmo existindo um histórico de luta pela terra na Arquidiocese de Aracaju, este movimento não se perpetuou. Aconteceu de forma isolada e única. Não deixando vestígios de um dia ter acontecido.

^{vii} Neste ano a Diocese de Propriá realizou a 32ª ROMARIA DA TERRA com o tema "CUIDAR DA TERRA É GARANTIR A VIDA". A concentração foi no Assentamento Modelo, depois da cidade de Canindé. O cartas de divulgação dizia para "Preparem suas caravanas e venham carregados de fé e gratidão a Deus por todos/as os/as lutadores pela justiça no campo, índios Xokó, sem-terras lutando pela Reforma Agrária e quilombolas lutando pela demarcação de suas terras. Tragam também suas bandeiras, faixas, instrumentos musicais, alimentos para doar a Barraca da Romaria." (CARTÁS DE DIVULGAÇÃO, 2011).

^{viii} Neste assentamento o INCRA estabeleceu a área para uma igreja, mas na localidade temos ainda duas em construção em áreas particulares doadas